

Fotografia sequencial e fotomontagem: fragmentos espaço-temporais da paisagem do Bairro Laranjal

Fernanda Tomiello¹²⁰

Eduardo Rocha¹²¹

Resumo

Este artigo consiste num ensaio vinculado à dissertação que está sendo desenvolvida pela autora no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas. O trabalho propõe uma abordagem da paisagem através do método da cartografia, cruzando diferentes espaços e tempos em imagens criadas mediante a combinação de fotografia sequencial e fotomontagem. A partir de estudos exploratórios realizados foi possível observar que a integração entre fragmentos espaço-temporais da paisagem permite representar processos e não apenas estados, relações e não apenas objetos. Destaca-se também o potencial criativo do processo utilizado, que amplia as possibilidades de representação e de apreensão e possibilita construir imagens potentes, perturbadoras e com forte aspecto conotativo.

Palavras-chave: paisagem, imagem, cidade, fotografia.

Introdução

A paisagem da cidade integra e relaciona aspectos físicos, históricos, culturais e sociais da vida urbana e, segundo Peixoto (2004, p. 13), também é constituída pelo cruzamento entre diversos espaços e tempos. Este trabalho tem como foco o estudo da dinâmica visual da paisagem urbana, através de diferentes cenas (espaço) e de vários instantes de cada cena (tempo), representados através de imagens que integram técnicas de fotografia sequencial e fotomontagem.

O recorte empírico dessa pesquisa situa-se no bairro Laranjal, na cidade de Pelotas/RS, onde a paisagem é marcada pela interface entre o bairro em si, onde predominam elementos artificiais e culturais, e a Laguna dos Patos, onde os elementos naturais aparecem com mais força. Na orla - fronteira que une essas duas áreas - concentram-se os fluxos e o movimento e a paisagem mostra-se mais complexa.

Assim, a justificativa desse trabalho se baseia na necessidade de ampliação das formas de se representar e criar a paisagem urbana, o que se busca através de imagens que caracterizam colagens temporais, entendendo que não há maneira única ideal para abordar a representação e criação da paisagem, mas que a integração entre fotografia sequencial e fotomontagem é uma possibilidade com potencial que merece ser explorada.

Este trabalho assume a hipótese de que mediante a integração entre fotografia sequencial e fotomontagem é possível produzir um conjunto de imagens capaz de representar e criar a diferença através da repetição, ao capturar o movimento e a dinâmica de uma determinada paisagem e incitar uma forma de olhar, interpretar e conceber a paisagem mais criativa e desprendida das amarras da fotografia convencional.

Para Peixoto (2004, p. 11), a paisagem não se esgota naquilo que vemos em um determinado momento, sendo assim, cada leitura feita a partir dela é um mero fragmento, uma fatia de um universo infinitamente maior. Dessa forma, o objetivo geral dessa pesquisa é contribuir para um entendimento mais amplo da paisagem urbana, especialmente da sua

¹²⁰ Arquiteta e Urbanista, Estudante de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFPel, fernandatomiello@gmail.com.

¹²¹ Arquiteto e Urbanista, Especialista em Artes, Mestre em Educação, Doutor em Arquitetura, professor na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPel, amigodudu@yahoo.com.br.

dinâmica visual, considerando variações de caráter estrutural, funcional e natural. Os objetivos específicos do trabalho podem ser explorados segundo dois enfoques: um no campo do conhecimento teórico, com resultados mais conceituais (objetivos “a” e “b”), e outro no campo instrumental, com resultados mais técnicos (objetivos “c” e “d”).

a) Capturar a dinâmica da paisagem urbana, as mudanças de caráter estrutural, funcional e natural, que ocorrem ao longo das horas do dia, dos dias a semana, das épocas do ano, mediante a utilização de fotografia sequencial e fotomontagem;

b) Construir conhecimento teórico acerca das implicações da utilização da fotografia sequencial e da fotomontagem na captura da dinâmica da paisagem e na sua representação e criação.

c) Explorar tipos de equipamentos, formato e resolução de imagens, técnicas de edição, intervalos de tempo e locais estratégicos para captura e sistematização das imagens, de modo a facilitar e viabilizar a utilização da fotografia sequencial e da fotomontagem como instrumentos capazes de capturar a dinâmica da paisagem.

d) Relacionar diferentes formas de composição de sequencias fotográficas com tipos de variações na paisagem estudadas e tipos de abordagens pretendidas.

Este trabalho está sendo realizado com o método de cartografia, que busca a investigação na dimensão processual da realidade e pressupõe que o ato de conhecer é criador da realidade, colocando em questão o paradigma da representação (kastrup, 2013, p. 264-265). O método também pode ser compreendido mediante suas etapas principais, descritas a seguir: estabelecimento de referencial teórico; definição de objetivos; geração de hipóteses; realização de estudos exploratórios; realização de estudo de caso; avaliação dos dados; elaboração de publicações; compartilhamento dos resultados.

Paisagem e espaço das cidades

Segundo Santos (1996, p. 25), paisagem e espaço são um par dialético: a paisagem é a materialização de um instante da sociedade enquanto que o espaço contém o movimento. Ainda que a palavra paisagem seja comumente utilizada para designar espaço, paisagem e espaço são coisas diferentes.

Santos (1996, p. 51), propõe um entendimento do espaço como um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de objetos e ações. Os objetos dão suporte às ações que, por sua vez, os modificam, criam e até eliminam, ou seja, ação e objeto estão inter-relacionados, são interdependentes. De modo mais simplificado, Santos (1988, p. 10) define o espaço como sendo “nem uma coisa, nem um sistema de coisas, senão uma realidade relacional: coisas e relações juntas” , um conjunto de formas que contém frações da sociedade em movimento. As formas, pois, têm um papel na realização social ao mesmo tempo que a sociedade tem um papel decisivo na configuração espacial.

A palavra paisagem, segundo Donadieu e Périgord (apud Coelho, 2011, p. 31), tem uma dupla origem linguística: nas línguas germânicas, paisagem se refere à uma porção visível do território, enquanto que nas línguas latinas diz respeito à imagem e ao que ela representa. Castro (2002), sintetiza essa dualidade ao afirmar que a paisagem é ao mesmo tempo real e representação. Para incrementar a multiplicidade de sentidos da palavra paisagem, podemos recorrer ao trabalho de Meinig (2002, p. 35), geógrafo americano que na década de 70 enunciou dez significados possíveis para a palavra paisagem: natureza, habitat, artefato, sistema, problema, riqueza, ideologia, história, lugar e estética. Essa multiplicidade de sentidos, segundo o autor, está relacionada ao fato de que “(...) qualquer paisagem é

composta não apenas por aquilo que está à frente dos nossos olhos, mas também por aquilo que se esconde em nossas mentes.”

A partir das considerações de Meinig, Name (2010, p. 165) observa que a palavra paisagem não se refere somente à condição estática de um espaço, mas também à produção e representação desse espaço, o que acrescenta uma perspectiva dinâmica e diacrônica em sua conceituação e significados.

Santos (1988, p. 24), também reconhece o caráter dinâmico da paisagem e associa a velocidade das mudanças que ocorrem na paisagem às condições econômicas, políticas e culturais da sociedade. Segundo o autor, essas mutações da paisagem podem ser de caráter estrutural ou funcional: as estruturais referem-se às mudanças formais, como a construção de um edifício, por exemplo; as funcionais dizem respeito ao movimento funcional, o comércio que abre durante o dia e fecha à noite, por exemplo. Mutações de ordem natural, tais como as variações da luz natural, chuvas, nebulosidade, temperatura, ciclos da vegetação, também podem ser observadas na paisagem [janela 3].

Enquanto que para Santos (1988, p. 21), a paisagem é o “domínio do visível”, “aquilo que a vista abarca”, para Sauer (1925, p. 24) a paisagem não é apenas uma cena real vista por um observador, mas uma generalização decorrente da observação de cenas individuais. Sauer exemplifica discorrendo sobre um alagado da Europa Setentrional, cuja descrição não se refere à uma única cena e sim um somatório de características gerais. Ainda para Sauer (1925, p. 23), “área” e “região” são termos equivalentes à “paisagem”, pois todos caracterizam uma associação geográfica de fatos. Em outras palavras, a paisagem pode ser entendida como uma área composta por uma associação distinta de formas físicas e culturais.

Ainda que os conceitos de espaço e paisagem sejam polissêmicos e estejam relacionados a várias esferas do conhecimento, interessa, para esse trabalho, não apenas uma abordagem geral e multidisciplinar mas também uma aproximação com a área da arquitetura e do urbanismo. Tal aproximação é buscada nos parágrafos seguintes.

Quando discutimos o conceito de espaço no campo disciplinar da arquitetura e do urbanismo, encontramos uma relação mais direta com a ideia de lugar do que em outras áreas. Ferrara (1999, p. 21) entende que a apropriação do espaço pelo homem o transforma em lugar. Um lugar é um espaço com significado (Ibidem, p. 120-121). No livro Paisagens Urbanas, Nelson Peixoto (2004, p. 11) enuncia que “as cidades são as paisagens contemporâneas” e essa paisagem não se esgota naquilo que vemos em um determinado momento, sendo assim, cada leitura feita a partir dela é um mero fragmento, uma fatia de um universo infinitamente maior. A paisagem das cidades é constituída pelo cruzamento entre diversos espaços e tempos, diversos suportes e tipos de imagens - tais como a pintura e fotografia, cinema e vídeo (ibidem, p. 13). Por fim, podemos redescobrir e reinventar a cidade a partir de suas paisagens, a partir de novas leituras, de experiências múltiplas no âmbito das escalas, da distância e do tempo, (re)construir a paisagem urbana a partir da criação de imagens contemporâneas (Ibidem p. 15).

O entendimento de que um lugar é um espaço com significado pode auxiliar na definição de cenas a serem capturadas para registrar relações espaço-temporais de uma paisagem. Optando por cenas de espaços com significado (lugares), para construir a imagem de uma paisagem, certamente alcançaremos resultados mais relevantes que construindo essa imagem mediante cenas de espaços quaisquer. Assim sendo, a abordagem da paisagem proposta nesse trabalho buscará explorar o cruzamento de diversos espaços e tempos (que, segundo Peixoto, é o que constitui a paisagem das cidades).

A fotografia como dispositivo de representação e criação da paisagem

A relação entre paisagem e fotografia existe desde que surgiu o primeiro registro fotográfico da história, que foi realizado por Joseph Nicephore Niepce em 1826 (Harrell, 2011) e teve como tema uma paisagem urbana. Essa relação permanece até os dias atuais e se intensifica com o passar do tempo e com a evolução da fotografia. O surgimento da fotografia, bem como de novas técnicas de captura, edição, armazenamento e publicação de imagens, permite que os arquitetos e urbanistas explorem cada vez mais a fotografia como ferramenta que pode ser utilizada em diversas etapas do processo de projeto, desde levantamentos e análises espaciais até a representação do resultado, o que pode mudar a maneira de projetar e de conceber.

A fotografia se desdobra em diversas possibilidades, que variam de acordo com método e técnica utilizados. Um desses desdobramentos é a fotografia sequencial, uma técnica que foi desenvolvida por Eadweard Muybridge em 1872, quando foi convidado pelo Governador da Califórnia para fotografar o galope de um cavalo, tendo como objetivo mostrar que este, em um determinado momento da ação, retirava as quatro patas do chão (Gama & Sendra, 2012). Para Chylinski (2012), a fotografia sequencial é uma técnica que permite manipular o tempo, pois possibilita visualizar em segundos objetos e eventos que levam alguns minutos, dias e até mesmo meses para acontecer. Chylinski (2012) também aponta a fotografia sequencial como ferramenta para compreender melhor as mudanças da natureza e o movimento da cidade.

Para Moholy-Nagy (2005), a fotografia sequencial, mais recente que as outras modalidades, nos permite observar o movimento de um modo diferente, nos permite visualizar em poucos instantes fenômenos que levam minutos, horas e até dias para acontecer. Moholy-Nagy destaca a aproximação existente entre a fotografia sequencial e o movimento futurista, que cultuava a beleza da velocidade. Ressalta também que a sobreposição de imagens fotográficas pode ser usada como sinônimo de espaço-tempo.

A fotomontagem, por sua vez, consiste na combinação de fotografias ou de fragmentos delas, de modo a criar uma nova imagem. Segundo Ades (1996, p. 13) a fotomontagem era utilizada por artistas ou “anti-artistas” no contexto do dadaísmo berlinense, no final da Primeira Guerra Mundial, como uma reação à pintura à óleo, que era tida como linguagem artística única e exclusiva. Atualmente, a fotomontagem parece continuar sendo utilizada como uma reação, uma reação à homogeneidade visual da fotografia tradicional.

Segundo Burrill (2001, p. 12), a teoria de fotocoloragem (termo análogo à fotomontagem) de David Hockney baseia-se essencialmente na ideia de que as pessoas normalmente observam uma imagem isolada por um curto período de tempo, pois conseguem compreendê-la rapidamente, enquanto que uma fotocoloragem é capaz de deter a atenção do espectador por um tempo mais prolongado e, além disso, se aproxima do modo como observamos uma cena, não tudo de uma única vez, mas uma composição de várias visadas.

Na fronteira entre a representação e a criação da paisagem

O trabalho está em andamento, parte da revisão teórica foi realizada, os objetivos foram definidos e as hipóteses estão sendo construídas. Estudos exploratórios realizados permitem enunciar resultados e conclusões parciais, dessa forma, esse artigo pretende compartilhar e discutir o que está sendo feito.

As quatro imagens a seguir fazem parte do estudo exploratório e permitem exemplificar a utilização da fotografia sequencial e da fotomontagem como instrumentos capazes de capturar a dinâmica da paisagem urbana. A figura 1 é uma composição elaborada

através da justaposição de fragmentos circulares de 30 imagens diferentes, o intervalo entre cada fragmento é de aproximadamente três minutos e a imagem toda contempla 76 minutos. A figura 2 é constituída pela sobreposição de sete imagens, capturadas a cada duas horas, num intervalo total de 12 horas e permite observar o movimento funcional e a concentração de transeuntes. A figura 3 também é uma justaposição, no entanto não é uma única imagem constituída a partir de fragmentos de fotografias diferentes (como a figura 1) e sim quinze imagens diferentes postas lado a lado. Essa sequência de quinze imagens faz parte de um ensaio que está sendo repetido semanalmente, sempre no mesmo dia da semana e na mesma hora do dia e pretende contemplar o ciclo de um ano, evidenciando as características de cada estação com ênfase em variações de caráter natural. Por fim, a figura 4 é uma fotomontagem com 64 imagens capturadas num intervalo de 2 minutos. Nessa última imagem foi utilizado o ajuste automático da câmera fotográfica, o que faz com que cada fragmento da imagem tenha características (como foco e tonalidade) diferentes das imagens adjacentes, podendo ser percebida como parte do conjunto mas também individualmente. Além disso, a incompletude da imagem final estimula o observador a imaginar o que há além do que foi capturado, o que poderia completar a cena.

FIGURA 1 – Figura 1: 76 minutos (pôr-do-sol, agosto de 2013).

Fonte: Acervo da autora.



FIGURA 2 – 12 horas (dezembro de 2012).

Fonte: Acervo da autora.



FIGURA 3 – 15 semanas (julho a novembro de 2013).

Fonte: Acervo da autora.



FIGURA 4 – 2 minutos (outubro de 2013).

Fonte: Acervo da autora.



Conclusões

Agregando as ideias de Sauer e Santos, é possível pensar a concepção de uma imagem da paisagem mediante várias cenas diferentes e vários momentos de cada cena, o que vai ao encontro do pensamento de Peixoto, que afirma que a paisagem das cidades é constituída por diversos espaços e tempos. Peixoto destaca também a possibilidade de redescoberta e de reconstrução da imagem da cidade através de sua paisagem.

A paisagem do bairro Laranjal - como todas as paisagens, provavelmente - não pode ser representada por uma única imagem ou em um único instante e também não se esgota em várias imagens e instantes. No entanto, mediante várias cenas diferentes e vários momentos de cada cena, podemos representar uma paisagem com mais intensidade. Além disso, a integração entre fragmentos espaço-temporais da paisagem permite representar processos e não apenas estados, relações e não apenas objetos, ao criar simultaneidade de coisas que não são simultâneas, ao justapor coisas que não são vistas justapostas no dia-a-dia e ao colocar lado a lado frações espaço-temporais que normalmente só podem ser observadas em um longo período de tempo.

Por fim, podemos destacar o potencial criativo do processo utilizado (fotografia sequencial e fotomontagem) que amplia as possibilidades de representação e de apreensão e possibilita construir imagens potentes, perturbadoras e com forte aspecto conotativo.

Referências

- ADES, Dawn. **Photomontage**. Londres: Thames and Hudson, 1976.
- BURRILL, Christine. **Fotocolagens**. São Paulo: Instituto Moreira Sales. 2001.
- CASTRO, Iná Elias de. **Paisagem e Turismo. O paradoxo das cidades brasileiras**. In: YÁZIGI, Eduardo (org). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002, v.1 p. 121-140.
- CHYLINSKI, R. **Time-lapse Photography: A Complete Introduction to Shooting, Processing, and Rendering time-lapse Movies with a DSLR Camera**. Disponível em: <<http://www.learnlapse.com/time-lapse-photography-book/>>. Acesso em: 31 dez. 2012.
- COELHO, Letícia Castilhos. **Revelando a Paisagem através da fotografia: construção e aplicação de um método**. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – PROPUR, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/40403>>. Acesso em: 24 de agosto de 2013.
- FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **Olhar Periférico: Informação, Linguagem, Percepção Ambiental**. São Paulo: Edusp, 1999 [1993].
- GAMA, P., SENDRA, F. **A fotografia sequencial de Eadweard Muybridge e o cinema de animação**. Disponível em: <http://www.dad.puc-rio.br/dad07/arquivos_downloads/32.pdf>. Acesso em: 31 dez. 2012.
- HARRELL, T. W. M. Curso Básico de Fotografia. **Manual de fotografia**. 2002. Disponível em <<http://www.tharrell.prof.ufu.br/default2.htm>>. Acesso em: 31 dez. 2012.
- KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. **Fractal**, v. 25, n. 2, p. 263-280, 2013. Disponível em <http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/Fractal/article/view/1109/870>. Acesso em 06 set. 2013.
- MEINIG, Donald W. O olho que observa: dez versões da mesma cena. **Espaço e Cultura**, n. 13, p. 35-46, 2002 [1976].

MOHOLY-NAGY, László. **Pintura, fotografia, cine**. Barcelona: Gustavo Gili, 2005. 270p. ISBN: 84-252-1984-1

NAME, Leonardo dos Passos Miranda. O conceito de paisagem na geografia e sua relação com o conceito de cultura. **GeoTextos**, Vol. 6, n. 2, 2010. Disponível em <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/geotextos/article/viewArticle/4835>>. Acesso em 25 de agosto de 2013.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens Urbanas**. São Paulo: Senac, 2004.

SANTOS, M. Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos teórico e metodológico da geografia. São Paulo: Hucitec, 1988. 28p.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SAUER, Carl Ortwin. The morphology of landscape. University of California, **Publications in Geography**, n. 2 vol. 2, 1925, p. 19-54. Tradução: Gabrielle Corrêa Braga. Revisão de Roberto Lobato Corrêa, Departamento de Geografia, UFRJ. Disponível em <<http://pt.scribd.com/doc/128130038/Carl-Sauer-Morfologia-Da-Paisagem>>. Acesso em 03 de setembro de 2013.